

## QUEM TEM MEDO DA TEORIA? ANÁLISE COMO VIVÊNCIA, PRÁTICA E EXPERIMENTAÇÃO NAS RELAÇÕES INTERNACIONAIS

*Who is afraid of Theory? Analysis as experience, practice and experimentation in International Relations*

Raphael Spode<sup>1</sup>

Bruna Fernandes Olivieri<sup>2</sup>

---

<sup>1</sup>Centro Universitário de Brasília (UnICEUB), Brasília, DF, Brasil. **E-mail:** raphael.spode@gmail.com. **ORCID:** <https://orcid.org/0000-0001-6181-3265>

<sup>2</sup>Centro Universitário de Brasília (UnICEUB), Brasília, DF, Brasil. **E-mail:** brunafernandesolivieri@gmail.com. **ORCID:** <https://orcid.org/0000-0002-0960-8122> .

## RESUMO

O anseio de implementação de atividades práticas é uma questão histórica do campo de estudos das Relações Internacionais. Se, por um lado, muito pouco se tem descoberto sobre o aspecto prático e técnico da área – o que tem feito das Relações Internacionais uma área muito mais reflexiva e filosófica, do que propriamente um campo profissionalizante –, por outro lado algumas iniciativas podem ser encontradas, no Brasil e no mundo, capazes de oferecer aos alunos uma vivência profissional na graduação. Até aqui, a consagrada simulação das organizações internacionais tem sido o cerne da prática nas Relações Internacionais, concorrendo ao aprimoramento das habilidades de oratória e negociação dos alunos. Junto a ela, porém, há uma dinâmica relativamente desconhecida, de importância fundamental, denominada “Laboratório de Análise das Relações Internacionais (LARI)”. Esse artigo é um relato de experiências do “LARI” enquanto metodologia ativa de aprendizagem e uma breve reflexão sobre suas possibilidades e limitações.

**Palavras-chave:** Virada Prática; Metodologias Ativas; Teoria das Relações Internacionais.

## ABSTRACT

The longing for the implementation of practical activities is a historical question of the field of studies of IR. If, on the one hand, very little has been discovered about the practical and technical aspect of the area – which has made IR a much more reflexive and philosophical area – on the other hand some initiatives may be found in Brazil and in the world capable of offering students a professional experience in undergraduate studies. So far, the established simulation of international organizations has been at the heart of International Relations practice, contributing to the improvement of students' speaking and negotiation skills. Next to it, however, there is a relatively unknown dynamics of fundamental importance denominated "Laboratory of Analysis of International Relations (LARI)". This article is an account of experiences of "LARI" as an active learning methodology and a reflection on its possibilities and limitations.

**Keywords:** Practice Turn; Active Learning; International Relations Theory.

## INTRODUÇÃO

O presente artigo é um relato de experiências de um projeto desenvolvido entre 2017/2 e 2018/1 no âmbito do Programa de Iniciação em Desenvolvimento Tecnológico e Inovação (PIC/PIBIT) do Centro Universitário de Brasília (UniCEUB). O projeto denominado “Prática, Experimentação e Inovação nas Relações Internacionais: uma proposta de formação do ‘Laboratório de Análise das Relações Internacionais (LARI)’” foi agraciado entre as melhores práticas pedagógicas inovadoras da Faculdade de Ciências Jurídicas e Sociais no 4º Prêmio UniCEUB de Mérito Acadêmico – 50 anos de prática pedagógica, em maio de 2018. O PIBIT consistia em testar e implementar uma metodologia ativa de aprendizagem no curso de Relações

Internacionais tendo como objetivo atenuar dificuldades inerentes ao ensino da Teoria das Relações Internacionais I –“TRI I”.

O PIBIT procurou responder ao desafio pensando um espaço de socialização e prática ativa de aprendizagem. Essa prática foi denominada de “Laboratório de Análise das Relações Internacionais (LARI)”. Enquanto uma dinâmica de *Active Learning*<sup>3</sup>, o laboratório compreende um conjunto de sessões e processos que facultam aos estudantes uma aplicação imediata da *teoria* estudada em sala de aula. Trata-se de um painel coletivo direcionado a solução de certos problemas, destinado a elaboração de alguns “produtos”: as análises de conjuntura ou “*fact sheets*”.

Esse artigo descreverá o “LARI” como uma prática ativa de aprendizagem, explicará seu método e a maneira de implementá-lo. A presente prática pode facilmente ser reproduzida e adaptada às diferentes realidades pedagógicas. Ao final, a conclusão apresentará brevemente algumas reflexões críticas sobre o “LARI” como método ativo de aprendizagem, ao indicar as limitações e os pontos de fragilidade da atividade.

### O “LARI”

O “LARI” é uma iniciativa que surgiu na Universidade de Brasília (UnB). Como atividade desenvolvida pelo PET-REL (Programa de Educação Tutorial), o “LARI” revela-se uma dinâmica intensa e integradora. Trata-se de uma atividade laboratorial de análise permanente de temas de relevância local, regional e global. No “LARI”, os alunos dividem a tarefa de elaboração de “*fact sheets*”, isto é, análises de conjuntura, que são expostas, posteriormente, em reuniões abertas ao público e divulgadas em boletins de conjuntura.<sup>4</sup> A proposta descrita nesse artigo nasceu inspirada em tal atividade, porém com uma adaptação: auxiliar o ensino da TRI I. Enquanto uma adaptação ao modelo original, é que essa dinâmica será relatada.

Em primeiro lugar, a versão homônima deve ser compreendida como uma atividade regular, desenvolvida em laboratório, cujo objetivo é auxiliar a transposição da *teoria* estudada em sala de aula ao mundo factual. Seu propósito central está na elaboração de certos “produtos”, isto é, as análises em si, ou “*fact sheets*”. É fundamental compreender o “LARI” como uma metodologia ativa de aprendizagem, e enquanto tal, as dinâmicas devem ocorrer fora do ambiente de sala de aula, ou seja, em “laboratório”.<sup>5</sup>

<sup>3</sup> É importante ressaltar que a discussão sobre práticas e métodos ativos de aprendizagem se organizou nas Relações Internacionais em torno de uma subárea denominada de *Active Learning in International Affairs* (ALIA). Em parte, essa subárea (ALIA) reporta-se a discussões mais profundas sobre métodos, *ethos* e foco nas Relações Internacionais, também conhecida como “*Practice Turn*”. O principal objeto da “Virada Prática” é pensar o potencial do *Pragmatismo* como um aliado no ensino e na pesquisa em Relações Internacionais. Sobre a “Virada Prática”, conferir a edição especial da revista *Millenium*, de julho de 2002 (ver também Jackson, 2015 e o volume 18 do *Meridiano 47*, de 2017).

<sup>4</sup> Além de muito bem sucedida, a dinâmica petiana foi incorporada como prática profissionalizante na grade curricular de cursos de graduação na região sul, a exemplo da Universidade do Vale do Itajaí e Universidade Federal de Santa Catarina (UNIVALI, 2017; UFSC, 2017). Inspirada nas atividades de análise desenvolvidas na UnB, UNIVALI e UFSC, a presente proposta reproduz um pouco de cada experiência.

<sup>5</sup> O laboratório pode muito bem ser o laboratório de informática da instituição.

A atividade sincroniza e corre paralelo ao ensino da TRI I<sup>6</sup>, ou melhor, ao ensino tradicional da *teoria*: as aulas expositivas e dialogadas sobre os autores e textos “clássicos” da disciplina. O “LARI” é um projeto de integração entre “teoria e prática” e propõe uma interessante alternância: entre uma sessão e outra do “LARI”, estuda-se a *teoria*, em sala de aula; então, volta-se novamente ao laboratório, ou seja, àquelas dinâmicas de transposição conceitual e aos esforços de interpretação do mundo. Nesse sentido, o “LARI” inicia pelo ensino da *teoria*. Considerando-se o início de um semestre letivo, as práticas laboratoriais começam após a exposição de um autor ou uma obra fundamental – por exemplo, Morgenthau. É somente após o começo do curso de TRI I que a prática inicia.<sup>7</sup>

As atividades do laboratório iniciam com o estabelecimento de uma periodicidade. Geralmente, os encontros em laboratório ocorrem em intervalos de vinte dias<sup>8</sup> e a dinâmica começa com a formação de pequenos grupos. Todos os “encontros” ou “sessões” são o “LARI” propriamente dito e é interessante e educativo reforçar a ideia de que tais sessões são o próprio laboratório. Em primeiro lugar, os alunos são esclarecidos de que os encontros se destinam a aplicação de conceitos e *teorias* estudadas em sala de aula e que ao final do processo eles serão duplamente recompensados pela (i) compreensão da utilidade das *teorias* e a (ii) produção de análises de conjuntura “profissionais” (porque informadas teoricamente).

O primeiro encontro do “LARI” destina-se a composição de duplas ou trios de trabalho.<sup>9</sup> Além da composição de grupos, o primeiro encontro é destinado à escolha do tema, do problema ou do caso que cada grupo analisará ao longo do semestre. É importante reconhecer que a escolha do tema é um exercício teórico à parte. Aprender a distinguir o relevante do irrelevante, o essencial do superficial não é uma tarefa fácil e muitos grupos enfrentarão dificuldades: uma “boa” dificuldade, pois é um exercício. Incentivar os grupos a pensar sobre a relevância dos temas é fundamental e respeitar essa etapa e problematizar com os alunos suas opções temáticas é tão essencial quanto à análise.<sup>10</sup>

## O “FACT SHEET”

<sup>6</sup> O “LARI” também pode ser aplicado ao ensino de TRI II e variar de acordo com a necessidade e o perfil curricular de cada curso.

<sup>7</sup> O “LARI” não deixa de ser um método de canalização de energias morais e intelectuais. Enquanto a prática não inicia, instigar a reflexão teórica, semanalmente, é parte do jogo.

<sup>8</sup> Deve-se encontrar uma cadência incapaz de embaraçar o andamento das aulas expositivas. Vale lembrar que essa dinâmica foi pensada para cursos de graduação que enfrentam dificuldades em reunir alunos no contraturno. Naturalmente, o ideal é que o “LARI” acontecesse como atividade de extensão ou projeto profissionalizante.

<sup>9</sup> É interessante perceber o “LARI” como apoio pedagógico ao ensino da TRI I. De fato, muitos alunos têm dificuldades em compreender a *teoria* pela linguagem abstrata que apresenta. Como o laboratório é uma dinâmica que envolve casos práticos, esse método ativo de aprendizagem acaba sendo uma alternativa de aprendizado por aplicação e *mimese*, isto é, como o aluno deve resolver um caso ou um problema, terá de buscar os conceitos e as teorias que ajudam a desvelar, interpretar e resolver uma situação.

<sup>10</sup> Vale lembrar que a dinâmica de escolha de temas está conectada com discussões sobre a relevância na ciência. Diante da ampliação da tecnologia e a expansão volumétrica do conhecimento, vem se tornando cada vez mais valorizado a capacidade de discernimento individual. De acordo com Sato (2015), o discernimento é uma habilidade ou aptidão de perceber com acuidade, senso de justiça e razoabilidade as circunstâncias, os fatos, os problemas e suas consequências. Tanto na ciência quanto na vida profissional, tem sido valorizado pessoas que tenham capacidade de discernimento, isto é, condições de distinguir eventos, fatos, forças, atores e circunstâncias, o que é possível de alcançar apenas praticando (Hopf, 2010; Aristóteles, 2009).

A dinâmica central do “LARI” compreende a composição gradual do “*fact sheet*”. Esse documento contém a ordem exata da investigação a ser realizada e orienta as etapas que devem ser cumpridas para uma plena transposição da *teoria* ao mundo fenomenológico. De certo ponto de vista, o “*fact sheet*” é a diretriz metodológica do “LARI” e, portanto, trata-se do próprio método ativo de aprendizagem. Após a decisão dos temas de análise, o modelo de “*fact sheet*” é introduzido aos grupos e sobre o modelo que o trabalho deve transcorrer.

O “*fact sheet*” é composto pelos seguintes itens: 1) Cabeçalho; 2) Título; 3) Objeto de análise; 4) Informações de referência; 4.1) Palavras-chave; 4.2) Cronologia; 5) Contextualização e Repercussão; 5.1) Local; 5.2) Regional; 5.3) Global; 6) Cenários; 6.1) Curto Prazo; 6.1.1) Otimista; 6.1.2) Pessimista; 6.1.3) Mais provável; 6.1.4) Menos provável; 6.2) Médio e longo prazos; 6.2.1) Otimista; 6.2.2) Pessimista; 6.2.3) Mais provável; 6.2.4) Menos provável; 7) Bibliografia sugerida. A partir das categorias teóricas e metateóricas sistematizadas em sala de aula, e os dados obtidos a partir da análise de informações em sites e bancos de dados, inicia-se o processo laboratorial propriamente dito, dentro do qual os alunos pensam os temas analisando como as categorias organizam de maneira inteligível os acontecimentos, sempre respeitando o roteiro acima.

Cada item do “*fact sheet*” possui uma lógica interna. O “cabeçalho” contém informações institucionais e o “título” deve comunicar, com objetividade, a proposta temática. O “objeto de análise” comporta uma breve descrição do tema analisado (aproximadamente 150 palavras). As “informações de referência” contêm as três “palavras-chave” e a “cronologia”. A “cronologia” é uma etapa importante e exige atenção e esforço. A lógica desse item é exigir dos alunos uma descrição do objeto de análise na forma de uma narrativa cronológica. Vamos seguir um exemplo<sup>11</sup>: supondo que um grupo escolheu analisar a crise na Venezuela, o “objeto de análise” pode conter a seguinte descrição:

O trabalho propõe analisar como a vigente crise socioeconômica que atinge a Venezuela de Maduro encontra motivos na sua estrutura local – pela própria deterioração da condição de vida da população venezuelana – no contexto regional, limitado pela falta de liderança dos países sul-americanos – e na estrutura global –, marcado pela inércia das grandes potências, a ineficiência de órgãos regionais e internacionais –, o que tem consagrado um equilíbrio favorável à manutenção do regime chavista na Venezuela, mesmo diante do questionamento de sua legitimidade. A partir da consideração de três teorias de Relações Internacionais, a teoria realista estrutural, a teoria racionalista da Escola Inglesa e a teoria da interdependência complexa, o estudo formulará cenários que poderão se concretizar no futuro do país.

Como é notável, o “objeto de análise” está descrito claramente bem como os recortes teóricos utilizados na análise. Por sua vez, a “cronologia” apresenta uma forma diferenciada. Sua proposta é descrever o objeto de análise por datas. Veja o exemplo:

---

<sup>11</sup> O exemplo citará trechos do “*fact sheet*” de autoria de Bárbara Ellen Monteiro Barros e Sarah Melo Martins. Ambas, alunas do curso de Relações Internacionais do UniCEUB participaram do “LARI” como prática ativa de aprendizagem durante a disciplina de TRI I, em 2017/2.

**Dezembro de 1982** – A análise deste trabalho terá como ponto histórico inicial o movimento cívico-militar, Movimento Bolivariano Revolucionário 200 (MVR-200) [...] / **Fevereiro de 1989** – O povo venezuelano se rebelou em repúdio ao pacote de medidas econômicas neoliberais imposto pelo governo de Carlos Andrés Pérez [...] / **31 de julho de 2017** – O Departamento do Tesouro dos Estados Unidos impôs sanções ao presidente venezuelano Nicolás Maduro, acusado de solapar a democracia[...].<sup>12</sup>

Adiante, a “contextualização e repercussão” requerem uma reflexão teórica refinada. Essa seção envolve o teste de níveis de análise. A princípio, a “contextualização e repercussão” destinam-se a reflexão em três níveis de análise elementares: o “local”, o “regional” e o “global”. Os níveis de análise condizem com qualidades e dimensões geopolíticas, ou seja, o “local” refere-se à dimensão doméstica ou interna ao Estado; o “regional” ao subsistema internacional ou regional, e o “global” refere-se à estrutura ou sistema internacional. Porém, esse item é sensível ao teste de outros níveis de análise e conceitos da *teoria*. Por exemplo, o “local” pode compreender a dimensão do indivíduo ou uma leitura do evento a partir do conceito de natureza humana<sup>13</sup>; também pode compreender uma leitura a partir do papel de *subunidades* que compõem uma unidade (a nação, ou o Estado), tal como os grupos de indivíduos que afetam o comportamento do Estado (burocracias, lobbies). Nesse sentido, o “local” pode envolver tudo aquilo que compreende a *primeira* e a *segunda imagem* das Relações Internacionais, de acordo com Waltz (2004) ou os três primeiros níveis de análise de Buzan *et al* (1998, pp. 5-6): *indivíduos*, *subunidades* e *unidades*.

O “regional” abrange uma reflexão feita a partir de grupos de unidades dentro do sistema internacional que podem ser distinguidos do sistema internacional como um todo. Nesse sentido, o “regional” sintoniza com a ideia de *subsistema* e tem uma certa coerência territorial, que no caso é regional. Pode significar uma interpretação do caso à luz da ASEAN, da OUA, da OCDE ou do Mercosul, por exemplo. Por fim, o “global” requer refletir o caso a partir de noções de *estrutura internacional*, *sistema* ou *sociedade internacional* (Waltz, 2002; Bull, 2002; Keohane e Nye, 1989). Significa pensar o tema a partir de conglomerados de interações, co-operações e processos de interdependência das unidades em escala global. Essa escala envolve aplicar conceitos como “estrutura internacional”, “ganhos e preocupações relativas”, pensar as repercussões do caso na ONU ou o engajamento de grandes potências. Como é possível notar, a “contextualização e repercussão” é um item propício para aproximar autores e conceitos centrais da TRI I, tais como aqueles desenvolvidos por Morgenthau, Waltz, Bull, Keohane e Nye. Vejamos um exemplo de “contextualização e repercussão” sobre a crise na Venezuela:

---

<sup>12</sup>No exemplo, partes da cronologia foram suprimidas. No original, as alunas descrevem fatos que compreendem acontecimentos de 1989 a 2017, ano a ano. É importante salientar aos alunos que a cronologia deve indicar os principais marcos históricos, capazes de sugerir ao leitor os sistemas de causalidades e finalidades inerentes ao tema. Constituir a cronologia é um exercício de identificação de “forças profundas”, sem os quais não é possível construir cenários ou previsões. A elaboração da cronologia é um exercício de análise histórica e é didático lembrar-lhes de aplicar conhecimentos adquiridos na disciplina de “História das Relações Internacionais” e seguir as orientações teóricas e metodológicas de importantes autores dessa área, como Duroselle (2000) e Watson (2004).

<sup>13</sup> Do tipo *primeira imagem*, de Waltz (2004).

**Contextualização e Repercussão / Local** / O Estado venezuelano está assentado sob os pilares da petroleira estatal PDVSA, estatal de petróleo da Venezuela, e das Forças Armadas, desde que Hugo Chávez assumiu a Presidência da Venezuela. Porém, desde então, as Forças Armadas do país encontram-se divididas entre uma cúpula que defende o chavismo e uma base divergente. As fissuras presentes dentro da estrutura institucional foram acentuadas com a eleição do presidente Nicolás Maduro, sendo esse indício de ausência de ordem interna, uma razão para a existência de questionamentos sobre a legitimidade do atual governo. A vigente crise política e econômica estabelecida na Venezuela, devido ao embate entre grupos fragmentados dentro do país, tem gerado uma série de implicações em todos os campos da esfera social [...]

**Regional** / Considerando a política externa de um país como fase inerente de sua política e ordenação interna, os dilemas que assolam a Venezuela estendem-se para além de suas fronteiras. O custo social da crise se evidencia de uma maneira mais direta nos países contíguos, principalmente Brasil e Colômbia, que têm recebido involuntariamente a demanda de uma parte da população venezuelana que deixa sua nação em busca de melhores condições de vida [...] A América do Sul, como região, tem se posicionado à deriva de seus problemas comuns, e apática no que se refere ao direcionamento de seus objetivos e propósitos coletivos. Isso se revela na falta de liderança por parte de países que outrora eram possuidores desse espaço, como o Brasil, que por muito tempo se posicionou como mediador crível nesse contexto, e que hoje não possui mais os elementos e a legitimidade para promover um diálogo efetivo com os Estados da região, especificamente com a Venezuela, visto que não possui mais conexões nem com a oposição, nem com o governo de Maduro [...]

**Global** / De forma semelhante como ocorre no contexto regional, a comunidade internacional, como um todo, também não dispõe de ferramentas que solucionem a crise venezuelana, e também não há vontade e motivação política dos Estados em mediar às hostilidades no país. Os Estados, em geral, estão mais preocupados em preservar a sua sobrevivência e a sua segurança, do que promover o bom funcionamento das funções de outros Estados, pois diante de uma estrutura que não garante a reciprocidade com os compromissos firmados, o egoísmo deve ser elevado ao máximo. Em virtude da característica do arranjo sistêmico anárquico, que define como nações bem-sucedidas aquelas que mantêm uma contínua participação no jogo internacional, vale destacar o porquê de países como os Estados Unidos, a China e a Rússia se eximirem de uma conduta mais incisiva, no que diz respeito à crise socioeconômica e humanitária que atinge a Venezuela. Para os Estados Unidos é custoso impor sanções à Venezuela, visto que as refinarias existentes do país estão especificamente preparadas para refinar o petróleo venezuelano. Outra justificativa para o governo norte-americano descartar a adoção de uma postura mais firme com relação à crise corresponde a um dos únicos fatores que afetaria a política doméstica estadunidense com relevância: o deslocamento de uma grande massa de

refugiados. Porém, este elemento é bastante improvável, pois há custos altos para o povo venezuelano migrar para os Estados Unidos [...]

Por fim, os “cenários” são seções altamente relevantes do exercício. Sua dinâmica interna exige o teste de probabilidades, tendo em vista o desdobrar da questão. É recomendável sugerir aos alunos criar cenários estritamente aderentes às *teorias*, por exemplo, um cenário “realista clássico” ou “realista estrutural” ou do tipo “escola inglesa” ou um cenário da “interdependência complexa”.<sup>14</sup> Vejamos exemplos de “cenários” sobre a crise da Venezuela:

**Cenários / Realismo Estrutural /** À luz do realismo estrutural, proposto por Kenneth Waltz, o aprofundamento da posição marginalizada da Venezuela, dentro do contexto internacional, é um prognóstico real que se sustenta no comportamento recalcitrante do país, uma vez que é a estrutura que indica às unidades aquilo que é aceitável e aquilo que é inaceitável. Isto não significa, porém, que os Estados não possam realizar ações que não são aceitáveis, mas que, ao se comportar de tal forma, serão marginalizados ou sancionados. Partindo desse pressuposto, uma projeção da crise venezuelana no longo prazo deverá expressar-se na imagem de um Estado falido, com ingerência das suas Forças Armadas e de sua base política e socioeconômica, caso o Estado permaneça agindo de maneira alheia a suas funções essenciais [...]

**Racionalismo Grociano /** A atual conjuntura da crise na Venezuela poderá ser alterada pelo despertar dos Estados em almejar manter os valores mínimos que segundo Hedley Bull asseguram a ordem presente na sociedade anárquica. Para o teórico, as relações internacionais são a junção de dois fatores aparentemente excludentes: a sociedade e a anarquia, pois a sociedade prevê a existência de princípios comuns que constituem a ordem, e a anarquia em contrapartida se refere à ausência de governo, mas que pode evoluir para um ambiente ordenado, desde que haja a observância do Direito, de valores e instituições comuns cujo propósito é garantir ao menos a realização de três objetivos mínimos: a vida, a verdade e a propriedade. Nessa circunstância, a contenção da crise venezuelana se efetuará, por meio da defesa das instituições internacionais: balança de poder, o direito internacional,

---

<sup>14</sup>Durante o processo da interpretação dos casos à luz da *Teoria*, é interessante sugerir o exercício da “escada da abstração”. Uma forma de instigar a reflexão sobre o tema ou o caso é explicar aos alunos que todo pesquisador precisa fazer escolhas entre os diversos detalhes que podem ser descritos, para selecionar os que são importantes e evitar outros como triviais. Escolher o detalhe significa iniciar a teorização sobre o caso e esse processo pode ser pensado como “subir uma escada”. Nós subimos um degrau na medida em que olhamos um detalhe e generalizamos sobre a realidade. Por exemplo, num primeiro lance da escada, pode-se entender que os homens são capazes de matar por vaidade; logo, se as guerras são atos de violência e mortes fratricidas, no topo da escada (o olhar generalista) é conclusivo que as guerras sejam causadas pela vaidade. Insatisfeitos com essa explicação generalista precisamos descer a escada novamente para ver outros detalhes, e voltar a subir para generalizar novamente, até gerar um entendimento. Esse exercício de reflexão e abstração pode ser feito perguntando-se: “Isto é um exemplo de quê?” Essa pergunta “gatilho” ajuda a teorizar e interpretar o caso teoricamente. Por exemplo: se um indivíduo deseja compreender a dissolução da União Soviética e observa o golpe de estado (golpe de agosto) de 1991, ele deve perguntar-se: “Isto é um exemplo de quê?” – a resposta surge naturalmente. Num nível, é o exemplo da insatisfação de indivíduos com uma situação social, política e econômica. Noutro nível (ou lance da escada), é o exemplo da tensão ideológica entre elites políticas e assim por diante. Nenhuma explicação, nenhum lance da escada é mais correto que outro, cada um oferece explicações em diferentes níveis de análise (Sartori, 1975; 1984; 1994; Hayakawa, 1949; Guzzini, 2013; Mhurchú e Shindo, 2016).



a diplomacia, a liderança das grandes potências e, finalmente, a guerra, a fim de manter a ordem. Nesse sentido, em última instância, caberá aos países poderosos garantirem a ordem, por meio da guerra, pois o conflito será legítimo, dado que a Venezuela permanece ferindo a construção societária internacional, diante da violação de princípios, regras, valores e interesses gerais da sociedade internacional [...]

**Interdependência Complexa** / Keohane e Nye são os teóricos responsáveis por introduzir o termo “interdependência complexa” para designar o novo modelo de sociedade internacional que emergiu durante a década de 1970, definida pela intensificação dos processos transnacionais e pela ascensão de atores não-estatais, que desempenhavam por vezes papéis mais decisivos em questões de investimentos, tecnologia e mídia, do que os próprios Estados nacionais. A demonstração de como funciona esse sistema de interdependência, pode ser percebido com mais clareza nos processos econômicos, pois esses exemplificam, notavelmente, como as decisões tomadas por cada país tem efeitos recíprocos em todos os outros. A premissa teórica de que os efeitos recíprocos geram custos para os países envolvidos na rede de conexões, e por isso os Estados buscam manter o controle sobre elementos que garantem seu sucesso econômico e tendem a enfrentar com negatividade as dúvidas causadas pela dependência externa, permite traçar um provável cenário para a Venezuela, prevendo o distanciamento latente da China e da Rússia, que atualmente são os maiores parceiros comerciais da Venezuela, no que diz respeito à importação de petróleo, além do monopólio chinês sobre certas áreas da economia do país sul-americano. Isso aconteceria devido a um alto grau do impacto medido em termos de custos, e também a um alto grau do custo das alternativas disponíveis para fazer frente diante do impacto externo, ou seja, da sensibilidade e da vulnerabilidade que o desequilíbrio interno da Venezuela provoca nesses países. Dada tal conjuntura, os Estados citados seriam de certa forma levados a buscar alternativas que garantissem maior segurança e estabilidade às suas economias, tornando cada vez mais difícil a reconstrução da PDVSA, pilar da economia venezuelana, o que conduziria o país a uma situação cada vez mais débil e oscilante [...]

Como é possível notar, o “LARI” enquanto metodologia ativa de aprendizagem permite a transposição da *teoria* ao mundo corrente por intermédio de simples exercício de aplicação e interpretação conceitual. Plenamente integrado ao ensino de sala de aula, o “LARI” introduz, de maneira prática e intuitiva, um método profissionalizante, ao instigar a elaboração de análises e integrar o saber teórico ao exercício analítico.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Qualquer metodologia ativa de ensino representa, em última instância, um tipo de intervenção nos modos de socialização e aprendizagem. O “LARI” como prática de socialização em torno da *teoria* muda a própria percepção dos alunos sobre a importância da *teoria* na vida acadêmica e profissional (Durkheim, 2010). Por outro lado, o “LARI” apresenta limitações. Em

primeiro lugar, há uma tendência dos alunos de perder o interesse na atividade. Entre o estudo da *teoria* e a prática laboratorial, é necessário mantê-los conscientes da prática e sempre que possível utilizar os temas de análise para exemplificar conceitos e argumentações teóricas durante as aulas. Em segundo lugar, os “*fact sheets*” se “perdem” ao final. Sem uma política de publicação ou criação de boletins que possam compilar os “*fact sheets*”, as análises podem perder pertinência conjuntural e o aluno se frustra.

Apesar das limitações, o “LARI” é capaz de oferecer aos estudantes de graduação uma experimentação prática das teorias de Relações Internacionais e representa uma forma alternativa de retenção de conhecimento. Além disso, essa prática justifica-se dada a natureza do mundo atual. Atualmente, os acontecimentos internacionais são marcados por processos de alta complexidade. A aceleração do tempo, a intensidade, a profundidade e a extensão dos processos impõem aos alunos de Relações Internacionais a difícil tarefa de apreender e decifrar situações numa escala e velocidade sem precedentes. Em certa medida, a sala de aula tem se mostrado insuficiente como espaço de treinamento profissional, frustrando os alunos, dada as limitações didático-pedagógicas de uma disciplina. Ante a complexidade do mundo, o “LARI” é um apoio, um meio e uma técnica capaz de auxiliar a formação mais plena do internacionalista do século XXI.

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Aristóteles (2009) *Ethica Nicomachea I 13 III 8. Tratado da virtude moral*. Trad. Marco Zingano. São Paulo: Odisseus Editora. (Livro II).

Buzan, B. et al (1998). *Security: a new framework for analysis*. London: Lynne Rienner Publishers.

Bull, H. (2002). *A Sociedade Anárquica*. Brasília: Editora Universidade de Brasília: São Paulo: Imprensa oficial do Estado.

Durkheim, E. (2010). *Da Divisão do Trabalho Social*. São Paulo: Martins Fontes.

Duroselle, J. B. (2000). *Todo império perecerá: Teoria das relações internacionais*. Brasília: Editora Universidade de Brasília: São Paulo: Imprensa oficial do Estado.

Guzzini, S. (2013). The ends of International Relations theory: Stages of reflexivity and modes of theorizing, *European Journal of International Relations*, 19 (3), pp. 521-541.

Hayakawa, S. J. (1949). *Language in Thought and Action*. Oxford, England: Harcourt, Brace.

Hopf, T. (2010). The logic of habit in International Relations, *European Journal of International Relations*, 16(4), pp. 539–561.

Jackson, P. (2015). *The Practice Turn in International Relations*. ISANET [online]. Disponível em: <https://www.isanet.org/Publications/ISQ/Posts/ID/4955/The-Practice-Turn-inInternational-Relations> [Acesso em: 07 Mar. 2018].

Keohane, R.; Nye, J. (1989). *Power and Interdependence*. New York: Harper Collins Publishers.

Morgenthau, H. (2003). *A Política entre as Nações: a luta pelo poder e pela paz*. Trad. Oswaldo Biato. Brasília: Editora Universidade de Brasília; São Paulo: Imprensa oficial do Estado.

Mhurchú, A. N.; Shindo, R. (2016). *Critical imaginations in International Relations*. New York: Routledge.

Sartori, G. (1975). Tower of Babel: On the Definition and Analysis of Concepts in the Social Sciences, *International Studies Association*, International Studies Occasional Paper No. 6, pp. 7–37.

\_\_\_\_\_. (1984), Guidelines for Concept Analysis, in Sartori, G. (ed.), *Social Science Concepts: A Systematic Analysis*, Beverly Hills: Sage, pp. 15–85.

\_\_\_\_\_. (1994), Compare Why and How: Comparing, Miscomparing and the Comparative Method, in Dogan, M. and Kazancigil, A. (eds.), *Comparing Nations: Concepts, Strategies and Substance*, Oxford: Blackwell, pp. 14–34.

Programa de Educação Tutorial em Relações Internacionais. *Blog do PET-REL da Universidade de Brasília*. Disponível em: <https://petrelint.wordpress.com/> [Acesso em: 26 Out. 2018].

Sato, E. (2015). *O problema da relevância na pesquisa científica: para avançar, é preciso buscar a sabedoria dos clássicos*. Disponível em: <https://pensadoresclassicosedebatescontemporaneos.wordpress.com/> [Acesso em: 03 Mar. 2016].

Waltz, K. (2002). *Teoria das Relações Internacionais*. Lisboa: Gradiva.

\_\_\_\_\_. (2004). *O homem, o estado e a guerra*. São Paulo: Ed. Martins Fontes.

Watson, A. (2004). *A evolução da sociedade internacional: uma análise histórica comparativa*. Brasília: Editora Universidade de Brasília.

Universidade do Vale do Itajaí, UNIVALI. *A história do LARI*. Disponível em: <https://www.univali.br/laboratorios/lari/historia-dolari/Paginas/default.aspx> [Acesso em: 04 Mai. 2017].

Universidade Federal de Santa Catarina, UFSC. Curso de graduação em Relações Internacionais. *Disciplinas oferecidas*. Disponível em: <http://ri.ufsc.br/> [Acesso em: 4 Mai. 2017].